



COMPADRE, SÁBADO NÓS VAMOS LÁ NO RIO: ESPAÇO
E NATUREZA ATRAVÉS DE MEMÓRIAS
DOS RIBEIRINHOS DO ARAGUAIA*

Monise Busquets**

Marina Hainzenreder Ertzogue***

Resumo: a região do Bico do Papagaio com histórico de grandes conflitos de terras caracteriza-se pela faixa de transição entre a Mata Amazônica e o Cerrado, ponto de encontro de dois importantes rios Tocantins e Araguaia. Nesse local, há dois grandes projetos de construção de Usinas Hidrelétricas: as UHE de Marabá e Santa Isabel. O presente artigo discute conceitos de lugar, espaço, pertencimento e natureza, tendo como ponto de partida o assentamento Falcão, que data da década de 1990, na zona rural do município de Araguatins, (TO). Trata-se de um estudo sobre a memória e a percepção da população ribeirinha e a relação com o rio frente à construção de usinas hidrelétricas.

Palavras-chave: Assentamento Falcão. Rio Araguaia. Natureza. Usinas Hidrelétricas.

“GODFATHER, SATURDAY WE GO THERE ON THE RIVER: SPACE AND NATURE THROUGH THE MEMORY THE RIVERAIN ACE MARGINS THE ARAGUAIA

Abstract: *the Bico do Papagaio region with a history of major conflicts over land characterized by the transition zone between the Amazon Rainforest and the Cerrado, the meeting point of two major rivers Araguaia and Tocantins. At this location there are two big construction projects of hydropower plants: the HPP Maraba and Santa Isabel. This article discusses concepts of place, space, belonging and nature, taking as its starting point the Subsidence Falcon dating from the 1990s, in the rural municipality of Araguatins, (TO). This is a study of memory and perception of the local population and the relationship with the river opposite the construction of hydroelectric plants.*

Keywords: *Subsidence Falcon. Araguaia river. Nature. Hydropower.*

* Recebido em: 30.03.2013. Aprovado em: 20.04.2013.

** Jornalista e aluna do curso de pós-graduação em Ciências do Ambiente da UFT.

*** Doutora em história social pela USP, professora da UFT e bolsista do CNPq.



A região do Bico do Papagaio corresponde à área de confluência entre os rios Araguaia e Tocantins, ela abriga 66 municípios, sendo que 25 municípios estão localizados no Pará, 25 no Tocantins e 16 no Maranhão, sua área total é de 140 mil km². Banhado por dois rios importantes, o Araguaia – a oeste – e o Tocantins – a leste. A região se caracteriza como uma zona de transição entre o Cerrado e a Mata Amazônica, possuindo um rico ecossistema, sobretudo, aquático e belas paisagens que servem de cenários para os habitantes da região.

Contudo, o seu potencial hídrico servirá de esteio para dois grandes projetos de construção de hidrelétricas: Santa Isabel e Marabá com 64327,0.htm. (Cf. jornal *Estadão*. 23 de abril de 2012). A primeira, de três autorizações necessárias à construção da hidrelétrica Santa Isabel foi aprovada pelo IBAMA, sendo que nesse primeiro momento deverão ser encaminhados os Estudos de Impacto Ambiental (EIA) e o Relatório de Impacto Ambiental (Rima). A UHE Santa Isabel terá seu eixo no município de Palestina do Pará, trecho do rio Araguaia, inundando uma área de aproximadamente 236 km².

O outro projeto, previsto para a região é a UHE Marabá, sendo que seu eixo se localizará no município de São João do Araguaia, no Pará, o reservatório com previsão de atingir os municípios de: São João do Araguaia (PA), Bom Jesus do Tocantins (PA), Brejo Grande do Araguaia (PA), Palestina do Pará (PA), Marabá (PA), São Sebastião do Tocantins (TO), Araguatins (TO), Esperantina (TO) e São Pedro da Água Branca (MA), inundando cerca de 1.115 km².

Em face disso, nosso objetivo é investigar⁴ como a população ribeirinha percebe a construção dos dois grandes projetos, a UHE Santa Isabel e a UHE Marabá. Para a execução dessa proposta foi realizada uma pesquisa de campo na região do Bico do Papagaio, a fim de investigar os processos de ocupação da região, a partir da narrativa dos próprios moradores visando esclarecer a percepção da população a respeito dos projetos e de relação que ela tem com o rio Araguaia. Portanto, tendo como ponto de partida a cidade de Araguatins, visitamos os locais possivelmente afetados pelas hidrelétricas em vias de construção. O primeiro núcleo de parada foi a Vila Falcão, um assentamento rural criado pelo governo federal.

Por estradas empoeiradas é que nos dirigimos à localidade conhecida como Vila Falcão, aproximadamente à uma hora e meia de Araguatins. Naquele lugar, se tem a sensação de que o tempo não passou. Logo na entrada se avista uma quadra de esportes, as ruas são bem delimitadas, mas sem asfalto, casas de alvenaria, dois pequenos bares com mesas de sinuca e muitas crianças.

Na região marcada pelos conflitos de luta pela terra, o Bico do Papagaio, um nome conhecido e respeitado é o de Padre Josimo Tavares, que foi morto em 10 de maio de 1986, capitaneou um movimento de organização dos trabalhadores em cooperativas e sindicatos, a fim de que essas pessoas tivessem direito a terra.

As lembranças desse passado ainda residem na fala das pessoas, quase todos os entrevistados contaram que tiveram que demandar algum suor e lágrima para conseguir o espaço que hoje ocupam e que mesmo após tantos anos de luta não dispõem de documentos da terra.

CAÇAR BORBOLETAS, RECORTAR NARRATIVAS E CONSTRUIR HISTÓRIAS

Pensando na fragilidade dos métodos na oralidade cabe perguntar como se (re)constrói a memória? O que define uma história oral, e a coloca à parte de outros ramos da história, é sua dependência à memória em vez de outros textos (FENTRESS; WICKHAM, 1992). Contudo, se os historiadores orais parecem relutantes em enfatizar isto, preferindo tratar a memória como um conjunto de documentos depositados em arquivos. O que é memória? (FENTRESS; WICKHAM, 1992) Nós a caçamos com um questionário, ou nós deveríamos usar uma rede de pegar borboletas?

Como as pessoas verbalizam suas narrativas? Para Friedman (1992) a natureza da história oral interliga essa questão em torno de uma conjuntura particular. Segundo Friedman é preciso considerar que, como as demais formas narrativas, a oralidade se produz num contexto no qual a identidade é praticada, todavia, a vantagem é que a narrativa oral permite ao ouvinte, ou seja, aquele que ouve histórias, a possibilidade da interatividade e do diálogo simultâneo, o que a princípio não acontece com o documento escrito.



É na dinâmica das histórias coletivas e pessoais que encontramos a voz e a identidade como resultado de uma interação entre entrevistador e narrador. Assim, disse Portelli (1981) sobre lembrar e contar [que] são eventos em si mesmos, não somente descrições de eventos. Nem por isso deve-se desprezar o contexto para uma história.

O exercício da entrevista é também a prática da negociação. Assim Antoinette Errante (2000) conta sua experiência com a oralidade no texto “Mas afinal, a memória é de quem? histórias orais e modos de lembrar e contar” ao buscar narradores que contassem o que ela queria saber. “Se os narradores escolhiam seus momentos de vulnerabilidade através dos quais eles contavam e lembravam, eu também era frequentemente vulnerável” (ERRANTE, 2000, p. 150).

Uma sugestão seria escrever todas as impressões sobre os entrevistados, além disso, conjecturar em perguntar coisas óbvias que o pesquisador não seria capaz quando está familiarizado com o terreno, pois: “os narradores não irão hesitar em esclarecer sua ignorância”, todavia, “vão revelar a sua compreensão de eventos e experiências importantes ao qual você não teria pensado em perguntar” (ERRANTE, 2000, p. 150).

Nas entrevistas realizadas com ribeirinhos do Araguaia destacamos depoimentos pessoais que se constituem, segundo H Blumer, em “um relato de experiência individual que revele as ações do indivíduo como agente humano e como participante da vida social” (BLUMER *apud* KOSMINSKY, 1986, p. 32).

Para Queiroz, o que existe de individual e único numa pessoa excedido em todos os seus aspectos, por uma infinidade de influências que nela se cruzam e às quais não pode por nenhum meio escapar, das ações que sobre ela se exercem e que lhes são inteiramente exteriores. “Tudo constitui o meio em que vivem e pelo qual é moldada finalmente sua personalidade aparentemente peculiar e o resultado é a interação entre suas especificidades, todo o seu ambiente, toda coletividade em que se insere” (QUEIROZ, 1987, p 283).

Vejamos as narrativas orais e a representação segundo Portelli. Representações e fatos não existem isoladamente. O narrador ao utilizar os fatos e ao alegar o que são fatos; estes são reconhecidos e organizados de acordo com a forma de representá-los, o mesmo ocorre em relação às representações que convergem para a subjetividade que são envoltas em sua linguagem (PORTELLI, 1996, *apud* ALBERTI, 2004, p 41). Pela história oral, na relação dialógica e na confrontação crítica com a alteridade dos narradores, podemos compreender algo mais sobre as representações.

O rio frequentemente aparece nas impressões dos narradores como um lugar marcado pela singularidade. Assim Lencioni (1999) o espaço aparece como universal, o regional como particular e o lugar como singular, reservado às emoções, ao pertencimento e ao subjetivo. Nessa perspectiva busca-se a representação do rio Araguaia a partir do relato dos ribeirinhos.

“SEU MANOEL”: AS IMPRESSÕES DE UM RIBEIRINHO

“Seu Manoel”, um dos mais antigos residentes da Vila Falcão, presidente da associação de moradores, foi um dos primeiros entrevistados no assentamento rural em Araguatins. Recordando-se da época em que recebeu o lote de terra do INCRA, em 1990, registrou que no mês de julho de 2013 o assentamento Falcão completará 17 anos de existência e que comemorariam a data com festa na vila.

Quando perguntamos sobre a construção das usinas hidrelétricas, em especial a de Marabá, ele disse que pessoas ligadas à construção da usina estiveram na vila, informaram que algumas das terras cultivadas com a roça dos assentados serão atingidas e que já houve algumas conversas, mas isso faz tempo, mais de um ano se passou depois desse encontro e ele não soube mais nada a respeito da construção da usina.

“Seu Manoel” fala sobre a relação dos moradores com o rio e do sentimento de pertencimento:

Agora nesse mês de julho, nós pesca, (*sic*) nós fica na praia que tem aqui, que é nosso lazer né? (*sic*) Porque o que acontece é que, por exemplo, meu vizinho aqui, meu compadre, Turíbio, passa aqui e fala “Compadre, sábado nós vamos lá no rio”, então nós faz um ranchinho no meio do mato e passa dois, três dias pescando na beira do rio mais ele lá, (*sic*) comendo peixe e vem embora de novo para casa e é nossa diversão lá, na beira do rio, só bondade (Manoel. Vila Falcão, Araguatins – TO entrevistado em 16/05/13).



Com a construção da usina, “seu Manoel” tem convicção do desaparecimento dos vínculos entre os moradores do assentamento Falcão e o rio. “E se isso acontecer, para nós acabou não vai ter mais essa bondade, não vai ter mais.” (idem).

Nessa fala podemos identificar como se estabelece a relação dos ribeirinhos com a vida do rio e como eles compreendem a dinâmica da paisagem, conforme relaciona Costa (2008) quando afirma que é pela paisagem que se revela a realidade do espaço em um determinado momento. O espaço construído ao longo do tempo de vida das pessoas considerando a forma como elas vivem, o tipo de relação que existe entre elas e que estabelecem com a natureza, daí se dá, segundo o autor, o vínculo entre a paisagem e o homem, sendo que o lugar se mostra através de sua paisagem.

Entendendo o espaço como algo que permite o movimento, pode-se descobrir então, que o lugar prescinde a pausa. Observando os conceitos de Yfu-Tuan (1983) o lugar proporciona uma atmosfera de segurança, de estabilidade, mesmo estando ciente da amplitude e da liberdade ligada à ideia de espaço.

O espaço, quando se torna socialmente significativo, transforma-se em lugar, quando há a inscrição de um grupo, ou quando é inscrita sobre o lugar a história de um grupo social. No caso do assentamento Falcão, no Bico do Papagaio, observa-se que os processos violentos de ocupação imprimiram um apego substancial ao território que ocupam, além das lembranças afetivas com o rio, há também as lutas, o suor e o sangue que essas pessoas tiveram de doar, como que fosse a fim de adubar o próprio solo.

A compreensão dos ribeirinhos em relação à natureza é um tanto diversa da perspectiva de quem reconhece os elementos do ambiente como recursos, o olhar que empenha um viés econômico à natureza, visão advinda da lógica do capital comercial. Em face dessa discussão, alguns autores, assim como Fraxe (2004), ponderam que os ribeirinhos desenvolveram uma cultura de profundas ligações com a natureza, laço que perdura, consolida e fecunda o imaginário desse conjunto social.

Contudo, mais do que uma relação de uso antropológico, onde o “beiradeiro” sobrevive diretamente do trato com a água, através da pesca, da lavagem de roupas, do transporte fluvial, e para além desses usos, existe um olhar que também é contemplativo, porque a paisagem primeira é o rio.

Retomando a fala de Manoel sobre o rio, podemos entender que a água é um bem da natureza, é uma dádiva enviada por divindades que detém seu controle e o rio é tratado como uma dádiva de uso coletivo (DIEGUES, 2005).

Estamos aqui porque achamos bom e aqui temos uma parcela para trabalhar e quando a gente tem uma folgzinha vamos para o rio, pescar, fazer o que eu falei, passar o dia lá no rio pescando e comendo peixe lá. Aí muitas vezes tem parente que vem pra cá só para esse tipo de coisa, né?! Aí a gente vai para lá também. (sic) O Araguaia para nós é uma parte do começo da nossa vida também, onde você se diverte, tem como tirar um pouco da sobrevivência também comer a carne de um peixe, então para nós é bom. E se ele faltar, então para nós faltou alguma coisa também (Manoel, Vila Falcão, Araguatins – TO, entrevistado em 16/05/13).

A Vila Falcão tem, durante o mês de julho, fonte de renda alternativa, pois em razão da seca do rio, amplas praias de areia clara se formam na região, atraindo visitantes de outras localidades. É nesse período que boa parte das famílias do assentamento obtém renda extra, alguns moradores montam barracas na praia, outros transportam pessoas em barcos, e há ainda, os que pescam e vendem os peixes para as barracas. Segundo relata “seu Manoel”, a renda obtida na praia no mês de julho é suficiente para que as pessoas garantam a subsistência até a colheita da roça que ocorre nos meses de fevereiro e março.

Além de garantir uma renda extra durante o mês de julho, a praia é o lugar onde os moradores encontram lazer para esquecerem o cansaço da labuta na roça. Com o enchimento do reservatório da UHE Marabá, não haverá mais a formação das praias, a dinâmica do rio será outra, sem a cheia e seca, o lago se manterá instável o ano inteiro.

Os responsáveis pela obra quando estiveram na comunidade, conforme relatos do “seu Manoel”, falaram na construção de praias artificiais como forma de compensar o ponto turístico perdido com a construção da UHE Marabá.



Para nós não é vantagem, porque o nosso lazer vai se acabar, até disseram aí que faz uma praia artificial, eu não tenho muito conhecimento com praia artificial, mas eu também acho que não é muita vantagem esse negócio de praia artificial, porque no tempo de outra enchente aí cobre de lodo e de folha velha que vem e aí eu acho que acabou mesmo (Manoel, Vila Falcão, Araguaia - TO, entrevistado em 16/05/13).

Segundo Tuan (1983) percebe-se que as pessoas estão mais ligadas ao lugar do que poderiam supor, e nesse sentido não se trata de falar de enraizamento, mas que o espaço, o ambiente, é percebido por meio das emoções, pela subjetividade e isso permite que as pessoas tomem para si significativos modos, jeitos de viver naquele espaço, transformando-o em lugar.

Um exemplo desse processo na comunidade Falcão é a Festa do Piau, segundo “seu Manoel,” ela acontece no mês de outubro quando os pescadores competem para ver quem consegue pescar mais peixes da espécie piau, a competição dura metade de um dia. Todos vão até a beira do rio para ver quem tira mais peixe, o primeiro lugar recebe como prêmio um motor de barco, conhecido como rabeta. O organizador da festa é o professor Odailton da escola Municipal da Vila.

A festa significa para as pessoas uma espécie de deleite às possibilidades que o rio oferece, ou ainda, a forma da comunidade da Vila Falcão de entender que aquele espaço perpassa pela existência do rio. Nesse caso, pode-se compreender que a ligação que os ribeirinhos têm com o rio vai além do uso material, ou seja, da própria subsistência, ou da renda extra no período de férias escolares, na verdade o rio se comporta como um elemento da cultura da comunidade. O rio aqui é também um ator social.

DA PRAIA AO RIO

A Vila se agitava na semana da inauguração da praia do Falcão, famosa na região do Bico do Papagaio, por ostentar uma enorme faixa de areia branca com águas mansas e mornas, um sol sem descanso para quem deseja aproveitar alguns dias à paisana.

Logo na chegada ao Porto do Falcão, observava-se um movimento intenso de pessoas, havia mulheres com crianças que ali ficariam para o dia, dispunham as redes amarradas às árvores, acendiam a fogueira e aguardavam os maridos que se foram ao rio, em canoas de madeira pegar o peixe para o almoço, enquanto elas cozinhavam o arroz, colocavam a farinha no prato e esperavam.

Naqueles dias, os moradores atravessavam a palha de babaçu de uma margem à outra, e do outro lado, uma estrutura levantada de madeira, via-se ao longe as barracas, era hora de cobrir com a palha. No início da temporada de 2013 presenciamos, na outra margem, os trabalhadores que montavam estruturas, cobriam com palhas, cortavam a madeira, apenas uma entre quatorze barracas a serem construídas, já estava pronta. Observamos que eles trabalhavam pouco, o sol queimava a pele, por isso eles faziam uma pausa para banhar-se no rio Araguaia, ficavam por lá de molho, refrescando o corpo para continuar o trabalho.

A faixa de areia é muito grande e o sol intenso, encontramos “seu Rogério”, um dos trabalhadores que estava montando a barraca para vender bebidas e sua irmã levaria a refeição. Disse que em dois dias tudo teria de estar pronto, eis que o palco seria montado logo mais e então começaria a temporada de praia. Ele estava esperando muita gente para o Araguaia dessa vez.

Rogério nos conta que trabalhava em uma oficina reparadora de bicicletas na vila Falcão, mas que deixou o emprego para ajudar a irmã na praia e assim ganhar algum dinheiro extra. Rogério falou que o Araguaia era “bom demais, muito bonito” e sobre a construção da usina hidrelétrica naquele lugar ele não era a favor. Muito embora fosse bom, porque gerava mais energia, era também ruim porque muita gente ficava sem casa, “como faria com esses ribeirinhos todo aí?” E a vila Falcão que “tinha na temporada de praia uma renda a mais para as famílias?” Então se fosse para decidir, ele era contra a construção, mas também não poderia decidir nada.

Depois da conversa, Rogério arribou o pé e foi ao rio, tomou banho, lavou a camisa, bateu sob a superfície cristalina repetidas vezes para tirar a sujeira, pegou a canoa, ajeitou a rabeta e como já era pôr do sol, partiu em sua travessia. Ali na praia em construção não ficaria ninguém.



No dia seguinte, conversamos com seu Raimundo, conhecido na vila Falcão como *Cochilão*, pescador antigo do Araguaia. Ele convidou-nos para um passeio no rio, queria compartilhar das belezas que conhecia, trazia nas costas um motor de rabeta para montar a canoa, foi andando até a margem, lá desatou a canoa, trouxe ela pra perto, pediu que entrássemos, colocou o motor e saímos.

O outro anfitrião era “seu Wilson”, pescador de longa data, mais de cinquenta e sete anos na beira do Araguaia, na travessia, comentava cada trecho do rio, falando de um ou de outro pedaço, mostrando as rancharias, falando os nomes dos donos e dos pássaros que atravessavam o caminho.

A andança pelo rio é um deleite para os olhos e para a alma, a água era tanta que enchia o horizonte, o sol á pino queimava a pele dos interlocutores. “Seu Raimundo” apontou para a beira do Araguaia e disse que a propriedade dele começava a partir dali, uma estaca demarcava o início, disse que o pedaço de chão que ganhou do governo era muito bom, tinha algum gado, uma rocinha, mas tinha, em especial, um pedaço do Araguaia.

Wilson também se adiantou, apontou para um pedaço de terra, disse que era sua, tratava-se de um lote quase vizinho do anterior. Contou que nunca quis desmatar a margem do lote, que tem tantos pedaços de pau altos lá, que ele tinha dó, ficava só pensando como será se a usina vier mesmo, “essa natureza toda apodrecendo debaixo de água.” Ele não achava isso certo, porque a natureza fez assim, então assim deveria ser.

Avançamos no rio e logo apontaram em direção a uma praia muito grande, que era maior que a do Falcão, contudo, dessa vez em território Tocantinense, disseram que era conhecida como praia do *Piranhas*. Uma grande barraca de palha próxima à água anunciava que uma família estava acampada, havia ali também um *giral* coberto de palhas dentro do rio, duas barracas de camping atrás de outra maior, mais ao longe um pequeno banheiro, não se podia ver ninguém sob o sol, apenas uma rede balançava debaixo da barraca de palha.

Logo em frente, “seu Raimundo” fez a volta no Araguaia, retornando pelo lado do Pará, de onde vinha margeando, então a canoa encostando-se à beirada, percebemos que não era praia, mas uma pequena faixa de areia. Saltamos da embarcação e ele disse que debaixo de umas moitas, a que ele deu o nome de *saranzal*, ficava o marco da UHE Marabá. Subiu a barranca e vasculhou por entre as árvores, chamou e apontou para o marco, estava lá, era de cimento para que nem a cheia desse fim ao aviso antecipado da usina.

“Seu Raimundo” havia dito, desde a primeira conversa, que sabia onde é que estavam os marcos da usina de Marabá. Parecia que a existência daqueles artefatos, ainda que fossem mínimos era penosa, indicava alguma coisa, uma mudança em curso ou ainda, um descaso frente à desistência das obras. Havia sempre uma pergunta no ar, se os construtores tinham desistido da empreitada? Vieram apenas para dar uma notícia da construção e depois sumiram? O tempo passou tanto que até o marco havia se escondido, muito embora não tivesse sumido, esse era o sentimento que se podia ver nos olhos dos companheiros que ali estavam.

Nota

- 1 O tema desse artigo faz parte da pesquisa de mestrado da acadêmica Monizs Busquets no programa de pós-graduação em Ciências do Ambiente da UFT.

Referências

- ALBERTI, V. *Ouvir, contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- COSTA, O. Memória e Paisagem: em busca do simbólico dos lugares. *Espaço e Cultura*. Rio de Janeiro: Edição Comemorativa, p. 149-156, 1993-2008.
- DIEGUES, A. C. *Aspectos Sócio-Culturais e Políticos do uso da Água*. Texto disponível em: <http://www.usp.br/nupaub/agua.pdf> 2005.
- ERRANTE, A. Mas afinal, a memória é de que? Histórias orais e modos de lembrar e contar. *Revista da Educação*. ASPHE/UFPEL, v. 8, 1441-174, set. 2000.



- FENTRESS, J.; WICKHAM, C. *Memória Social*. Oxford: Blackwell, 1992.
- FRAXE, T. J. P. *O saber local e os agentes da comercialização na Costa da Terra Nova, no Ca-
reiro da Várzea*. II Encontro ANPPAS, São Paulo, 2004.
- FRIEDMAN, J. O passado e o futuro: história e a política da identidade. *American Anthro-
logist*. USA, nº 94, p. 837-859, 1992.
- KOSMINSKY, Ethel. Pesquisas qualitativa: a utilização da técnica da história de vida e de
depoimentos pessoais em sociologia. *Ciência e cultura*. São Paulo: v. 1, n. 38, jan. 1986.
- LENCIONI, S. *Região e geografia*. São Paulo: Edusp, 1999.
- O ESTADÃO, Jornal. <[http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,o-atraso-de-santa-isa-
bel-,864327,0.htm](http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,o-atraso-de-santa-isa-
bel-,864327,0.htm)> Acessado em: 01/03/2013.
- PORTELLI, A. O tempo da minha vida: função do tempo na história oral. *International Journal
of Oral History*, v. 2, n. 3, p. 162-180, 1981.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. Relatos orais: do indivisível ao divisível. *Ciência e cultura*.
São Paulo: n. 3, v. 39, março de 1987.
- TUAN, Y. F. *Espaço e lugar*. São Paulo: Difel, 1983.

